

A FILOSOFIA E A PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO: UMA ANALOGIA DO TRABALHO URBANO COM O MITO DE SÍSIFO

Dyeiniffer Brimyam Bertolazzi da Silva

dyenny.bertolazzi@gmail.com

Max de Filippis

profmaxfilo@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho urbano, filosofia, psicologia, Mito de Sísifo, sociedade contemporânea.

RESUMO: O presente trabalho busca trazer a importância da filosofia junto com a psicologia social do trabalho no apoio a construção da relação entre trabalho e a vida privada no cotidiano urbano, fazendo uma analogia do trabalho com o castigo de Sísifo. A busca por um sentido ou um único significado que explique a existência do ser humano, do mundo e a complexidade da relação entre os dois resulta na frustração de não conseguir tal resposta. Diferente da racionalidade que se pretende com a ciência em geral, ou seja, uma definição que está acima de qualquer definição ou a “verdade”, a filosofia quer conhecer e basta o que se conhece a cada dia, pesquisando sobre a origem da vida ou a essência da existência por si só, porque sempre se volta ao “ponto zero” de um pensamento, ou seja, sempre retornamos a natureza das coisas, que não são necessariamente evoluídas, mas sim construídas e transformadas, como por exemplo a maneira em que o trabalho foi sendo visto e exercido no decorrer da história e em cada cultura. Na obra de Camus, Sísifo não espera nada do seu trabalho, ele foi condenado por desafiar e enganar os deuses com o castigo de levantar uma grande pedra até o alto de uma montanha, sem alcançar o topo, por toda a eternidade. Um castigo lúcido e por isso trágico. Conforme podemos ver na história da filosofia, no debate entre as correntes de pensamentos e estudo de seus autores, identificamos que, ao se contrariar um conhecimento ou ele ser refutado, não necessariamente se nega o que existe, há na verdade a criação de um outro olhar sobre a mesma situação, em uma constante reprodução do que é o mundo, porém, readaptada à cultura em que se vive em determinado novo momento, alterando a forma de ver, fazendo com que a pedra do conhecimento seja constantemente levantada por novos olhares e definições. Nesse debate de conhecimento, o trabalho pode ser visto como uma repetição de atos sem sentido e em outro momento é o formador da consciência histórica (MARX, 2010), hora Copérnico quer demonstrar que a Terra gira em torno do Sol e do outro lado, Kant alega que não é o sujeito que se orienta pelo objeto, mas o objeto que é determinado pelo sujeito (MARCONDES, 2004). Então nos deparamos com a fala de Camus em que “Começar a pensar é começar a ser atormentado” (CAMUS, 2017, p.20), mas o que chama mais atenção, é que na verdade “É profundamente indiferente saber qual dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade” (CAMUS, 2017, p. 19). O absurdo de viver e filosofar, como estamos fazendo agora, exige

reconhecimento dos limites que podemos alcançar, mas isso não quer dizer que ele não deva ser confrontado ou aceito, até porque se fosse seria o suicídio da filosofia e isso também não é a melhor opção, porque viver é combater esse absurdo por meio de questionamentos que nos fazem mudar a forma de ver o mundo e se manter, o máximo possível, conscientes da própria existência. Atualmente, o trabalho nas grandes cidades Brasileiras são, em sua maioria, trabalhos imateriais, ou seja, não estamos erguendo a pedra com nossos braços, mas sim, por meio de nossa capacidade intelectual, portanto, o cansaço é cognitivo e em algum momento isso poderá impactar também em problemas físicos. O trabalho, por vezes, pode ser comparado com o castigo de Sísifo, uma vez que estamos constantemente “conectados” em função do mesmo. Falamos a respeito do local em que trabalhamos como se fossemos “donos dos meios de produção” e não os que exercem a função, iniciando uma frase, por exemplo, com “na minha empresa” e não com “na empresa onde eu trabalho”. Aí vem o castigo, porque muitos não tem mais o lazer, o tempo com a família ou amigos e se há esse tempo poucas vezes ficam sem mencionar o trabalho, que ocasionalmente é o que nos define em uma sociedade e o qual nos identificamos e criamos uma identidade a partir do que exercemos. Assim, o trabalho fica indissociável da vida particular. Levando em consideração os aspectos mencionados até aqui, se faz importante ressaltar também a relevância e a intervenção da psicologia nos processos de construção comum, principalmente em relação ao trabalho que é resultado da expressão humana, essencialmente no que diz respeito ao compromisso com uma sociedade mais inclusiva e equitativa. A conclusão que podemos chegar a partir dessas abordagens é que se faz necessário repensar a relação de trabalho, seja ele físico ou cognitivo, que estamos construindo a fim de que não se torne um castigo eterno para a humanidade. O sentido da vida pode mudar de pessoa para pessoa, mas o trabalho, seja ele material ou imaterial irá permanecer em nossas vidas, impactando na maneira que enxergamos o mundo e reagimos a ele. A rotina e os inícios, seja de um trabalho, casamento ou um curso, podem ser frustrantes ou até mesmo pesados como uma rocha, mas o que seria do descanso sem o cansaço? “É preciso imaginar Sísifo feliz”, porque a própria felicidade depende da tristeza (CAMUS, 2017, p.124).

REFERÊNCIAS:

CAMUS Albert, **O mito de Sísifo** - 9ª edição, Rio de Janeiro, 2017.

Conselho Regional de Psicologia, **Psicologia Crítica do Trabalho na Sociedade Contemporânea**, 1ª edição, Brasília, 2010.

MARCONDES, Danilo, **Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein**, 8ª edição, Rio de Janeiro, 2004.

MARX, Karl Heinrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução. Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&M, 2010.